

Manaus, quinta-feira, 21 de novembro de 1996

a crítica *** A3

CIDADES

Índios resistem ao uso da camisinha

Dirigente do Cimi acha que índios só usarão camisinha se forem esclarecidos sobre a gravidade das doenças sexualmente transmissíveis

de 1996 - (RA) O. PAULO
Ana Celia Ossame

A decisão do Ministério da Saúde de distribuir camisinhas (preservativo masculino) em áreas indígenas, anunciada no último dia 19 com a finalidade conter a propagação da Aids, já registrada em algumas reservas, será recebida com resistência mas, acso chegue a ser adotada, pode contribuir ainda mais para a redução da letalidade, tornando-se um problema grave para a sobrevivência dos povos. A afirmação é do vice-presidente nacional do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Guinter Francisco Loebns, que critica a inexistência de dados estatísticos sobre a doença entre os índios no Amazonas. "Sabe-se que há casos de Aids em aldeias do Pará, mas no Amazonas não temos a mínima informação", explica ele.

Mesmo sobre os demais casos não há muitos dados concretos. Comentase que dos 18 casos registrados entre aldeias, dez teriam sido fatais. Guinter Francisco diz que a distribuição das camisinhas pelo Ministério da

Saúde deve ser precedida de uma campanha de esclarecimento sobre a Aids, sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e o preservativo masculino. "Não será simples e nem de fácil assimilação, porque o índio terá que ser convencido a usar um objeto estranho para sua cultura", observa.

Para o vice-presidente do Cimi, se não houver uma campanha continuada de educação, a distribuição dos preservativos terá o mesmo destino de outras que não tiveram nenhum resultado prático. "Se o índio não for convencido do perigo da Aids, a campanha cairá no vazio, como outras iniciativas na área de educação e saúde", acrescenta.

Atuando há 18 anos no Conselho, Guinter Francisco está muito preocupado com o problema. Para ele, a falta de informações sobre a doença, inclusive em áreas críticas, próximas de garimpos, é um fato grave e preocupante. "Isso pode prejudicar qualquer iniciativa. Sem maiores esclarecimentos, ela acabará não atingindo os verdadeiros necessitados", explica.

Médico desconfia do resultado

O médico psiquiatra do Instituto de Medicina Tropical do Amazonas (IMT-AM), Rogério Cardoso, que trabalha com pacientes portadores do vírus da Aids, considera legítima a preocupação do Ministério da Saúde para com os índios com relação à doença. Mas tem uma preocupação: "Se não há um programa organizado para o controle e prevenção da doença em Manaus, será difícil montar um para a Amazônia Legal, onde dizem existir 400 mil garimpeiros", adverte ele.

Rogério acrescenta ainda o fator cultural como uma dificuldade significativa para ações como essa de distribuir camisinhas entre os índios. "Não será fácil a aceitação", previne ele. O fato de o Amazonas ter ficado fora da lista dos Estados com verbas para o programa de Aids por não ter en-

viado as informações necessárias é preocupante, segundo o médico, que apela para o trabalho em parceria, reunindo Governo do Estado e Organizações Não-Governamentais (ONGs).

Para os índios, o horizonte é também preocupante com relação à Aids. "Com tantos garimpeiros entrando nas reservas indígenas, como será possível controlar a doença?" indaga Rogério, para pedir reflexão e o início de um trabalho de educação sobre a Aids e as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). A simples distribuição dos preservativos não deverá apresentar muito resultado prático, na opinião do médico. "Se for igual ao que fazem os parintineses, que no Festival Folclórico preferem fazer balão com as camisinhas, não dá para criar muita expectativa", encerra.



Capitão Dico (ao centro) diz que a camisinha pode representar o fim da reprodução indígena

Cacique está preocupado com reprodução

Mesmo reconhecendo a prostituição em algumas aldeias sateré-maué, o cacique Raimundo Ferreira da Silva, o Capitão Dico, não quer camisinhas entre os índios que vivem nos municípios de Barreirinha, Maués e Parintins, no Baixo Amazonas. "Com elas, os índios não vão se reproduzir e isso é mau", afirma ele que sabe da Aids pelas informações que ouve no rádio. "É uma doença muito ruim, que emagrece, faz cair o cabelo e não tem cura, mas camisinha não vai dar certo aqui entre nós".

Ao sugerir que o governo gaste dinheiro com compra de um barco, máquinas, remédios e alimentos para os índios, em lugar

de comprar camisinhas, Capitão Dico diz que a prostituição tem levado doenças venéreas a algumas aldeias. "Mas é pouco", garante ele, para, em seguida, admitir que isso pode representar a porta de entrada para a Aids entre os sateré. "Por isso é preciso impedir a invasão dos brancos nas aldeias", avisa o cacique, que está em Manaus em tratamento médico.

Segundo ele, os sateré só sabem da Aids pelo que ouvem no rádio. "Alguns até já leram alguma coisa em jornal, mas nós temos outra doenças que atacam e matam mais como a tuberculose (que ele chama pela sigla TB), diarreia e inflamações de útero

em mulheres". Capitão Dico revela, por exemplo, que do mês de outubro para cá oito sateré morreram em consequência de doenças como tuberculose e inflamações diversas como apendicite. "Isso mostra como a assistência à nossa saúde é péssima", afirma ele, que está abrigado na casa de sua sobrinha Zeila da Silva Vieira, numa invasão no bairro da Redenção. O cacique, aos 66 anos de idade, afirma que a população sateré é de 5.850 índios e confessa não saber qual a melhor maneira para impedir a proliferação do vírus HIV entre as populações das aldeias. "Sei que com camisinha não será", garante.

Coiab pede remédio contra a malária

Remédio contra a malária, que mata muito índio hoje. Essa é a preferência do vice-coordenador da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coaiab), Darcy Duarte Comapa. Ao comentar a decisão do Ministério da Saúde de distribuir camisinhas em áreas indígenas para evitar a propagação do vírus HIV, Darcy acredita que as camisinhas podem trazer outro problema grave: acentuar o processo de extinção dos povos. "Se isso for adotado, os índios vão se acabar".

Sua proposta para impedir o avanço da Aids é proteger as tribos dos brancos garimpeiros. "Nós precisamos viver nas nossas terras, sem brancos que tragam mais tragédias e doenças para nossos povos", afirma Comapa, que acusa a Fundação Nacional do Índio (Funai) e os garimpeiros pela prostituição nas áreas indígenas. "Nós vivíamos sós, não tínhamos doenças, mas a Funai obrigava o contato, como estão fazendo com os korubo, forçando os índios a se tornarem dependentes", critica Comapa.

Vindo do Vale do Javari, ele não vê nenhuma possibilidade de os índios aceitarem o uso do preservativo masculino. "Não vai adiantar a Fundação Nacional de Saúde chegar de helicóptero e distribuir as camisinhas, como são acostumados a fazer com outras coisas para tornar o índio dependente". O mais grave para ele, é o perigo na multiplicação dos povos. "Se tiverem que usar, não vão mais ter crianças e isso significa matar a aldeia".

O vice-coordenador também critica a falta de dados corretos sobre a doença nas aldeias. "Não há atenção devida à saúde do índio, que morre muito de malária", revela Darcy Comapa. Na sua opinião, o que deveria ser feito de imediato é a proibição da entrada de brancos nas áreas indígenas. "Se houvesse controle da entrada de brancos e saída de índios era mais fácil evitar a doença", garante.